



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MARIA NAZARÉ BARBOSA DA SILVA

**CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: Um estudo sobre
o trabalho informal de crianças e adolescentes carroceiros na feira de
Aroeiras - PB**

CAMPINA GRANDE – PB
2012

MARIA NAZARÉ BARBOSA DA SILVA

**A FEIRA DE AROEIRAS - PB: Um estudo sobre o trabalho das
crianças e adolescentes carroceiros**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Antônio
Albuquerque da Costa**

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237c Silva, Maria Nazaré Barbosa da.

Circuito inferior da economia urbana [manuscrito]: um estudo sobre o trabalho informal de crianças e adolescentes carroceiros na feira de Aroeiras - PB / Maria Nazaré Barbosa da Silva. – 2012.

27 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa Departamento de Geografia”.

1. Geografia Econômica. 2. Feira Livre - Comercialização. 3. Empregabilidade – Trabalho Infantil. I. Título.

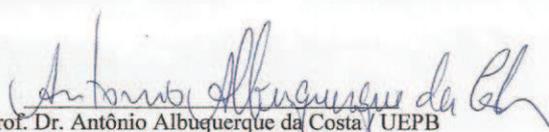
21. ed. CDD 330.91

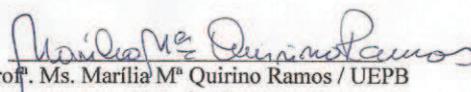
MARIA NAZARÉ BARBOSA DA SILVA

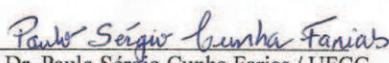
CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: Um estudo sobre o trabalho informal de crianças e adolescentes carroceiros na feira de Aroeiras - PB

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Aprovada em 06 /12/2012.


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa / UEPB
Orientador


Prof. Ms. Marflia Mª Quirino Ramos / UEPB
Examinadora


Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias / UFCG
Examinador

CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: Um estudo sobre o trabalho informal de crianças e adolescentes carroceiros na feira de Aroeiras - PB

SILVA, Maria Nazaré Barbosa¹

RESUMO

As feiras são fenômenos que transformam o espaço trazendo a este dinamicidade e significações múltiplas, em que é tecida uma complexidade de relações econômico-sócio-cultural. Neste trabalho coloca-se em pauta a importância da feira de Aroeiras-PB na trajetória histórica de consolidação e configuração espacial do município e trazendo aos dias atuais sua caracterização vigente. O caráter informal é característica importante presente nas feiras livres, desse modo, criando oportunidade de emprego às classes menos abastadas da população ao que denominamos circuito inferior da economia. Este setor representa uma estratégia de emprego e renda a diversos atores sociais que tiram do trabalho na feira seu sustento. Em especial tratamos nesta pesquisa de um ator social específico: os carroceiros da feira de Aroeiras, levando-se em consideração os dados apurados em entrevistas, além de observação e leituras bibliográficas. Obteve-se um breve estudo desta categoria de trabalhadores composta exclusivamente de meninos entre nove e 16 anos que procuram, em sua maioria, nesta função uma forma de complementação de renda para a manutenção de seus próprios gastos de consumo, característica esta devidamente analisada nesta pesquisa.

Palavras-chave: Feira. Circuito Inferior. Carroceiros. Consumo.

1. INTRODUÇÃO

É o diferente modo de uso do espaço um dos aspectos principais que caracteriza o fenômeno da feira livre. Em Aroeiras, não sendo diferente de outras localidades, a feira representa tanto o aspecto econômico quanto o social e cultural. Com realização rotineiramente aos sábados, a feira que deu sua contribuição à configuração inicial, ao desenvolvimento e crescimento do município exerce, ainda hoje, caráter importante para a economia da cidade. Assim, nela se insere grande parte da mão de obra trabalhadora, e se constitui desse modo, um importante meio de trabalho para a população aroeirense.

¹Graduando pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: nazaré_tec@hotmail.com

Nesta pesquisa, partiremos do contexto histórico de organização e configuração territorial do município de Aroeiras para assim mostrar a importância que a feira exerceu e exerce desde sua gênese ao âmbito de suas funções social, econômica e cultural.

Abordar-se-á sobre a informalidade na feira, característica do circuito inferior da economia que oportuniza alternativas de emprego aos diversos atores sociais.

Colocando o enfoque a atividade de uma categoria de trabalhadores (feirantes) presentes e atuantes na feira livre de Aroeiras: os carroceiros. Numa perspectiva de análise social e funcional desses agentes.

A importância desse fenômeno comercial, para a cidade de Aroeiras é inegável, não somente pela importância econômica, mas também pelo agregado histórico de uma cultura social, porém, é perceptível que mudanças ocorreram ao longo do tempo quanto às relações sociais e produtos que ali são, hoje, ofertados, assim como os modos de comercialização, estabelecidos pelas novas formas de cultura.

Trata-se de uma pesquisa exploratória qualitativa e quantitativa a abordar um fenômeno dinâmico sendo, portanto, analisados os aspectos sociais, econômico, político e cultural que envolve a temática estudada além de tratar o caráter das vivências e experiências existentes sob o objeto de estudo.

Para atingir os objetivos propostos na pesquisa foram utilizados procedimentos metodológicos teóricos e práticos baseando-se em levantamento bibliográfico com pesquisa documental além de livros, artigos, revistas aliados à aplicação de entrevistas aos atores sociais representantes.

A delimitação desta análise dá-se pelas específicas características encontradas no município de Aroeiras – PB onde se realizou a, então, pesquisa.

2. Localização do município de Aroeiras-PB

Aroeiras é um município paraibano que integra a microrregião de Umbuzeiro, região esta composta por cinco municípios pertencentes à Mesorregião do Agreste Paraibano. O município possui uma área territorial de 386 Km², e localiza-se entre as coordenadas 07°32'43" S e 35°42'27" W, estando a uma altitude de 363 metros.

O município de Aroeiras, situado no Cariri paraibano, dista de Campina Grande (Cidade Pólo) cerca de 56 km e de João Pessoa (Capital) cerca de 180 km. Segundo o Censo 2010, conta com uma população de 19.082 habitantes, sendo 9.538, na zona urbana e 9.551, na zona rural. Geograficamente limita-se a sul com Umbuzeiro, a norte com Fagundes e Itatuba, a Oeste com Gado Bravo, a nordeste com o município de Queimadas e ao Leste com Natuba.

Figura 01 – Estado da Paraíba, destaque (em azul) para o município de Aroeiras.



Fonte: Adaptado de CPRM/PRODEEM, 2005.

3. Feira de Aroeiras - PB meandros de uma relação histórica

Em 1953 Aroeiras configura-se como município paraibano, mais precisamente em 2 de dezembro de 1953. Porém, até sua emancipação política muitos episódios se sucederam em sua trajetória de consolidação territorial. O processo de povoamento deste tem seus primeiros registros nos movimentos comerciais que datam de 1881.

João Barbosa Monteiro procedente da cidade do Rio do Peixe, hoje atual cidade de Souza iniciou juntamente com outros colonizadores a primeira feira em Aroeiras. Essa comercialização era feita sobre forma de escambo (troca de mercadorias) na localidade de Manoelas, hoje pertencente à zona rural da cidade de Aroeiras, tal como relata Aroeiras (2003):

Naquela época esquecida /Vejam só como eram as “Eras” Um tal de João dos Barbosas /chegara em Manoelas lugar de muitas vielas /serrotes e ribanceiras nas terras de Manoelas /se deram as primeiras Feiras...(Aroeiras, 2003, p. 21)

Esse cenário econômico começou a mudar com a chegada de Antonio Gonçalves de Andrade, que viera do estado de Pernambuco e edificou sua casa nas proximidades de um “olho d’água” depois nomeado Olho d’água do Aricuru, local promissor do lugarejo naquela época. Consta em registro que esta foi a primeira casa a ser construída.

Antonio Gonçalves sendo muito popular, logo ganhou a amizade dos vizinhos e passou a organizar verdadeiras festas populares animadas por uma banda de música que regularmente trazia da localidade pernambucana de onde viera. Aos domingos, Antonio Gonçalves organizava verdadeiras excursões pelas cercanias. O clima de entusiasmo era tão grande que a casa de Antonio Gonçalves passou a ser o pólo de atração em prejuízo de Manoelas. (ANDRADE, 1981, p.21)

Os atrativos proporcionados pelo novo morador atraíram a atenção das pessoas que além do comércio, passaram a ir à busca de diversão, razão pela qual essa localidade despontou, em detrimento de Manoelas, que perdeu sua feira, que passou a ser realizada próximo ao olho d’água. Andrade(1981) comenta o episódio de instalação da feira na nova localidade, afirmando que:

[...] depois de uma reunião entre Antonio Gonçalves, os Souza e os Andrade, no domingo, dia 20 de novembro de 1881, organizou-se a primeira feira da nova localidade, sobre uma grande palhoça coberta com palhas de coco catolé. A existência da feira logo se espalhou pela região e esta passou a ser denominada “Feira do Catolé dos Souza”. A denominação não agradou a alguns membros da família Souza; então a feira passou a ser chamada “Feira do Olho D’água de Aroeiras. Assim se originou a localidade, que foi vila e hoje é cidade, (ANDRADE, 1981, p.22).

Deste modo, pode-se perceber que o comércio primitivo que deu origem à feira proporcionou os primeiros movimentos populacionais que foram definindo o território que se constitui hoje no município de Aroeiras, inclusive, através do próprio nome dado à localidade uma vez que havia no local onde realizava-se a feira, a existência numerosa de árvores chamadas Aroeiras.

Com a mudança de localidade onde se realizava a feira, foi criada uma corporação da “Guarda Nacional” cujo comando ficou por conta de João Barbosa Monteiro. A finalidade era evidente, a de tornar atraente e seguro o local para novos moradores.

A feira, a segurança que representava a corporação da “Guarda Nacional” e a fama de ser um bom lugar atraíram novos habitantes que em Aroeiras se estabeleciam e dedicavam-se as práticas comerciais... Aroeiras foi acompanhando a evolução dos tempos e assim, de conformidade com estatísticas levantadas na época, de 1916 a 1930, já haviam de 25 a 30 casas de comércio, inclusive farmácia, bares, etc. (ANDRADE, 1981, p. 23-24)

Desse modo, é notório que a organização espacial se dá a partir da feira que promoveu um adensamento humano na localidade ao propiciar o movimento de pessoas e de circulação de mercadorias, que até hoje continua a existir, configurando-se como importante aporte econômico-sócio-cultural para a cidade. A produção e reprodução do espaço ao longo do tempo foi se dando por meio da atuação de grupos sociais que determinaram as mudanças e/ou permanências espaciais de Aroeiras. Correa, 2007, afirma que:

Ao fixar no solo seus objetos, frutos do trabalho social vinculados às suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas. Nestas condições, o grupo social se reproduz, por que a reprodução das atividades ligadas as suas necessidades viabiliza o próprio. (CORREA, 2007,p. 55)

Para configuração de um território as práticas sociais são imprescindíveis, pois vão revelando o poder que se detém sobre aquele espaço. E a reprodução destas práticas ao longo do tempo revela a importância e ligação que o todo social carrega em si através destas relações. Podemos dizer que a feira como sinônimo de comércio configura-se também como sinônimo de interação, relações desempenhadas a partir de necessidades de um grupo social.

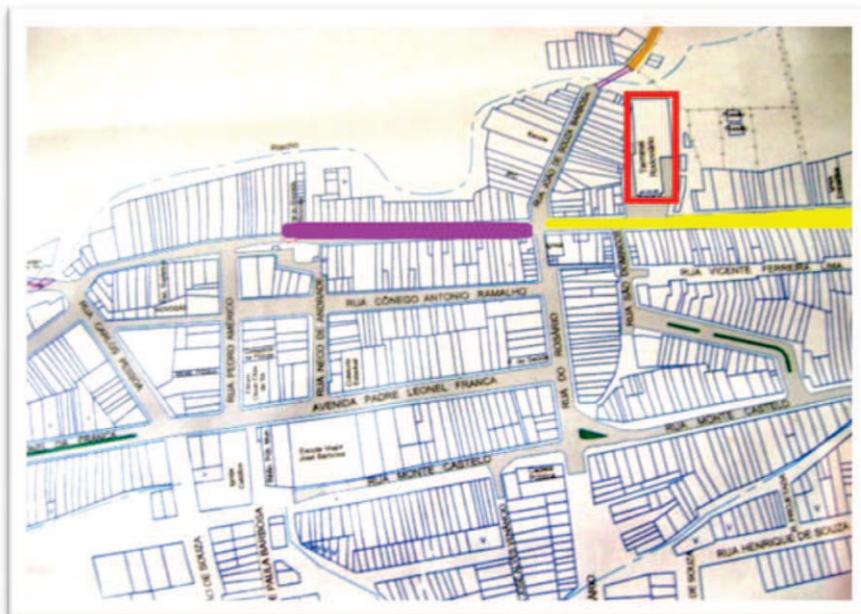
3.1. A Feira em sua caracterização atual

A feira atualmente instala-se na área central da cidade, ao longo da Rua Antonio Gonçalves e em uma parte da Rua Eptácio Pessoa onde se concentra o comércio de roupas e artigos utilitários em geral. Há, ainda, a comercialização de carnes no Mercado Público (prédio antigo da cidade tombado como patrimônio histórico) localizado também na Rua Antônio Gonçalves. Nessas ruas estão dispostos também estabelecimentos comerciais que de certa forma beneficiam-se com a movimentação produzida em dia de feira.

A configuração da área central é constituída por 134 estabelecimentos dentre eles 5% correspondem a estabelecimentos direcionados ao atendimento de serviços públicos; 8% encontram-se fechados, 17% são residências e 69% são estabelecimentos comerciais que ofertam os mais variados produtos e serviços de segunda a sábado. (SOUZA, 2009, p. 28)

Observa-se na figura a seguir a área central que se dispõe a feira na cidade de Aroeiras:

Figura 02: Mapa da área central da cidade de Aroeiras, em destaque a organização espacial da feira.



Fonte: Prefeitura Municipal de Aroeiras (adaptado)

- Rua Antônio Gonçalves
- Rua Eptácio Pessoa
- Galpão Manoel Bezerra

A centralidade e a importância que a espacialização da feira abrange têm grande significação, pois há exemplos de comerciantes que têm suas lojas (comércio formal) em outras ruas, e aderem no dia da feira a barracas/bancos, ou seja, saem de seu ponto comercial fixo, para garantir um lugar também fixo na feira livre (comércio informal) em dia de sábado. Isso ocorre por causa da movimentação e dinamicidade decorrente da realização da feira que por se caracterizar um comércio popular modifica o uso da função urbana das ruas onde se instala tornando-as ainda mais atrativas, como espaço que atende tanto a compra quanto para a venda de produtos.

A venda de produtos alimentícios como cereais (grãos), hortaliças e frutas ocorre no Galpão Manoel Bezerra chamado também de “galpão da feira”, que por sua extensão ampla acomoda numerosos bancos, situado também na Rua Eptácio Pessoa. Ver figuras a seguir:

Figura 03: Rua Antônio Gonçalves, em dia de feira.



Fonte: Rômulo Laurentino, Site aroeiras on-line.

Figura 04: Galpão Manoel Bezerra. (A)Localização (ver setas vermelhas) e (B) frente.



Fonte: Maria Nazaré Barbosa da Silva, outubro de 2012.

A feira de Aroeiras também guarda em si aspectos socioculturais, uma vez que, a partir dos aspectos caracterizadores das vivências e permanências no seu espaço de realização, desenvolve-se um caráter socialmente significativo que se torna cultural à medida que lhe é acrescido valores. Esses valores são mutáveis conforme os ditames da sociedade em questão, que se caracteriza na aquisição das técnicas desenvolvidas ao longo de sua história temporal, pois como está presente em JAKCSO, *apud*, Carlos (2003, p. 57):

As culturas não são simplesmente sistemas de significados e valores que temos em nossas mentes. Tornam-se concretas por intermédio de padrões de organização social. A cultura é o modo pelo quais as relações sociais de um grupo são estruturadas e modeladas: mas é também o modo como aquelas formas são vivenciadas, entendidas e interpretadas.

As feiras são fenômenos que transformam o espaço em que se estabelecem. A grande maioria das vezes instalam-se, acontecem, e desinstalam-se, mantendo uma temporalidade própria no espaço em que ocorre, modificando o aspecto e funções do mesmo. Sua diversidade ímpar se desenvolve a partir da criatividade de quem a faz, e das relações sociais ali desempenhadas.

A feira livre é antes de tudo um lugar público de comércio. Consiste na reunião de vendedores e compradores em determinado local e hora, em um local quase sempre descoberto, onde se desenvolvem troca, venda e comércio de mercadorias. Em certos locais, ela deixa de ser um fato rotineiro para assumir um papel de destaque, sendo difícil às vezes apontar até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira. (MIRANDA, 2009 p. 30)

Diante desta definição que o autor nos dá percebe-se um pertencimento mútuo entre feira e cidade, apontando, desse modo, a importância desse acontecimento do livre comércio para o espaço (local) em que se desenvolve. De fato a ocorrência da feira traz ao lugar uma nova finalidade e uma nova dinâmica o que lhe agrega valores e significações.

As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 1996 p. 20)

Essas relações citadas acima produzem e reproduzem as características de um lugar, no sentido que enquanto produzimos nossas vivências e apropriamo-nos do espaço atribuímos a ele funções além de significações múltiplas. Em relação à feira essas relações intensificam-se, pois em seu interior e em suas redondezas é tecida uma complexidade de relações econômicas, sociais e culturais agregando ao lugar dinamismo e atrativos diferentes para os diversos atores sociais que consolidam ali suas formas de trabalho, lazer e/ou consumo.

Considerando que, o espaço é transformado através do trabalho humano, das técnicas criadas, no desenvolvimento dos sistemas de objetos e caracterizado a partir das funções que lhe é atribuído, as relações entre homem e espaço não se constituem

apenas de produções e reproduções materiais, mas também sociais e culturais perpassadas pelo tempo e configuradas historicamente.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 2006, p. 39).

Em entrevista a atores sociais que frequentam o centro da cidade em dia de feira ficou evidente a importância dela como um local também de entretenimento, passeio e encontro com os amigos. Essas pessoas são principalmente jovens da zona rural do município e idosos.

As pessoas da zona rural que vão às compras, segundo seus depoimentos, escolhem o sábado de feira por causa da locomoção (transporte) que é facilitada neste dia, com a disposição de diversos carros (Toyota, ônibus, vans, entre outros.) vindos de origem dos diversos sítios pertencentes ao município. Essa facilidade está atrelada também ao dia da semana, sábado, em que se dá a realização da feira, uma vez que, por se tratar do início do fim de semana, estrategicamente, atrai mais consumidores às compras.

Perguntado aos feirantes sobre suas relações com os fregueses, relataram que há anos trabalham “no ramo” e há fregueses que mantêm relação de fidelidade na compra de produtos. Percebe-se desse modo, que as sociabilidades são tecidas “por meio das relações entre indivíduos e suas capacidades de estabelecerem laços afetivos e sociais com outros personagens [...]” (MORAIS, 2006, p. 7). É característica presente ao circuito inferior da economia as relações interpessoais entre fornecedor e cliente, nesse caso, em se tratando da feira a relação entre feirantes e clientes ganha, muitas vezes, laços de confiança.

4. O Circuito Inferior da economia e o trabalho Informal: O trabalho dos carroceiros na feira de Aroeiras

No contexto do vivido a feira transforma o espaço urbano, explorando-o da melhor forma para a realização plena de um mercado ao ar livre. A concretude dessa forma de apropriação dá-se principalmente por causa da falta de oportunidade e oferta de emprego. Desse modo, grande parte da população se vê obrigada a criar estratégias de sobrevivência, e a feira em seu papel econômico/social não deixa de sê-lo. Por isso, a atuação de trabalhadores informais é questão recorrente nas feiras. Pode-se dizer que

esses trabalhadores são “corpo e alma” da feira livre. Segundo Portes (apud MIRANDA, 2009, p. 37):

[...] a economia informal não é então uma condição individual, mas sim um processo de formação de renda caracterizado por um processo central: é desregulada pelas instituições da sociedade em um ambiente legal e social no qual [outras] atividades similares são reguladas.

Ou seja, não havendo oportunidades de trabalho para a população vigente (desregulação), criam-se outros meios com “atividades similares” que comportem essa demanda (regulação). Porém, Miranda (2009) alerta:

É necessário cuidado em não considerar que a economia informal seja um conjunto de atividades de sobrevivência realizada por pessoas à margem da sociedade, considerando que ela seja sinônimo de marginalidade ou pobreza.

Entenda-se, deste modo, que informalidade não vem a ser sinônimo de pobreza, uma vez que, esse processo pode ocorrer também na tentativa de criar meios de trabalho legal visando o lucro, deste modo, não necessariamente de uma população extremamente pobre, mas como subterfúgio de complementação de renda, como exemplo podemos citar o caso de comerciantes formais que como estratégia para aumentar seus lucros em dia de feira aderem a barracas e ali comercializam seus produtos.

Essa atração pela informalidade está também intimamente ligada à isenção (completa ou parcial) de impostos além do menor valor pago pela mão de obra trabalhadora, porém percebe-se que nas feiras em geral há uma integração (adequação) do trabalho familiar intensivo que situam-se como “negócio da família” onde todos (adultos, jovens e/ou crianças) se envolvem e ajudam, característica fiel ao que Santos (2008) denomina circuito inferior da economia. Este geógrafo brasileiro sugere que há na economia dos países subdesenvolvidos a vigência de dois circuitos econômicos gerados pela modernização tecnológica pela qual passamos: o circuito superior, sendo resultado direto desta modernização no qual consequentemente usufrui as benesses dos progressos tecnológicos e o circuito inferior, vindo de um resultado indireto em que estes benefícios são reduzidos ou nulos justapostos à desigualdade na distribuição de renda e os altos custos da tecnologia, efeitos esses disseminados pelo desenvolvimento capitalista.

A diferença essencial entre as atividades dos dois circuitos está no acesso, organização e privilégio ao progresso tecnológico que cada sociedade detém, ou seja, ao poder de capital gerado e poder de consumo dos indivíduos. Santos (2008, p. 43) afirma:

O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia “capital intensivo”, enquanto no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada. O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um potencial de criação considerável.

O circuito superior é composto pelos bancos, grandes empresas como shoppings centers, grandes redes de supermercado, ou seja, está vinculado aos monopólios e caracteriza-se pelas atividades que demandam alto nível tecnológico e servem à consumidores de alto poder aquisitivo que podem arcar com os custos e benefícios que a modernidade pode lhes oferecer.

O circuito inferior, diferentemente daquele, está representado pelas formas mais simples de comercialização, com menos tecnologia e aquisição de produtos mais baratos pelos consumidores, onde a população menos abastada promove a criação de meios de subsistência, uma vez que, este “emerge da incapacidade do sistema capitalista em oferecer o pleno emprego” (MASCARENHAS, *apud*, MIRANDA, 2009 p. 39), desse modo, compreende-se o modo de organização menos complexo e o baixo grau de tecnologia utilizado em suas atividades e a abrangência da informalidade em seus serviços.

Há, além disso, a ocorrência de um circuito superior marginal que tem características tanto do circuito superior como do inferior, sobre ele Santos (2008) explica que pode ser o resultado da sobrevivência de formas modernas de organização ou uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas e esta demanda pode vir tanto das atividades modernas como, como também do circuito inferior. É o que ocorre, por exemplo, no comércio formal de cidades intermediárias e de pequenas cidades como é o caso de Aroeiras.

Santos ainda afirma que, ambos os circuitos são frutos do mesmo conjunto de fatores e causas originadas pela inserção histórica e desenvolvimento da modernização tecnológica nos países subdesenvolvidos. Desse modo, eles têm a mesma origem e mesmo sendo aparentemente interdependentes, estão interligados. Sendo o circuito inferior uma consequência direta das atividades promovidas no circuito superior, pois, ele também depende das atividades modernas para existir.

A feira livre congrega tanto o comércio formal (estabelecimentos fixos que atendem juridicamente às normas de comercialização) como o informal (representado pelos feirantes que situados em barracas e bancos trabalham sem o cumprimento das normas de comercialização sobre seus produtos). Quem vai à feira contempla os dois setores, os dois circuitos, que desse modo, mantém entre si uma interação.

Porém, é ao caráter informal caracterizado pelo circuito inferior da feira que este estudo baseia-se enfocando o trabalho de um ator social específico: os carroceiros da Feira de Aroeiras.

Chama-se tipicamente “carroceiro” trabalhadores da feira livre que, como instrumento de trabalho utiliza-se de carroças de mão e em pontos fixos (ou não) na feira livre dispõe seus serviços para carregar as feiras (produtos ali comprados) e levá-las até a casa dos fregueses e/ou carro de transporte, por uma gratificação monetária combinada com os usuários de seu serviço.

Esses atores sociais estabelecem sua presença para oferecer seus serviços no Galpão Manoel Bezerra local onde, como já dito, são comercializadas cereais (grãos), frutas e hortaliças, neste os carroceiros se organizam de forma própria: há aqueles que se estabelecem próximo ao comércio de grãos do lado direito do galpão; há outros em menor quantidade que situam suas carroças próximas à entrada do galpão (Figura 5A) e, em maior quantidade há aqueles que ficam movimentando-se com suas carroças entre os bancos dos feirantes a procura de fregueses (Figura 5 B). Como se pode ver nas figuras a seguir:

Figura 05: (A) Um dos pontos onde os carroceiros se estabelecem à espera de fregueses no Galpão Manoel Bezerra. (B) Carroceiro levando a feira de sua freguesa.

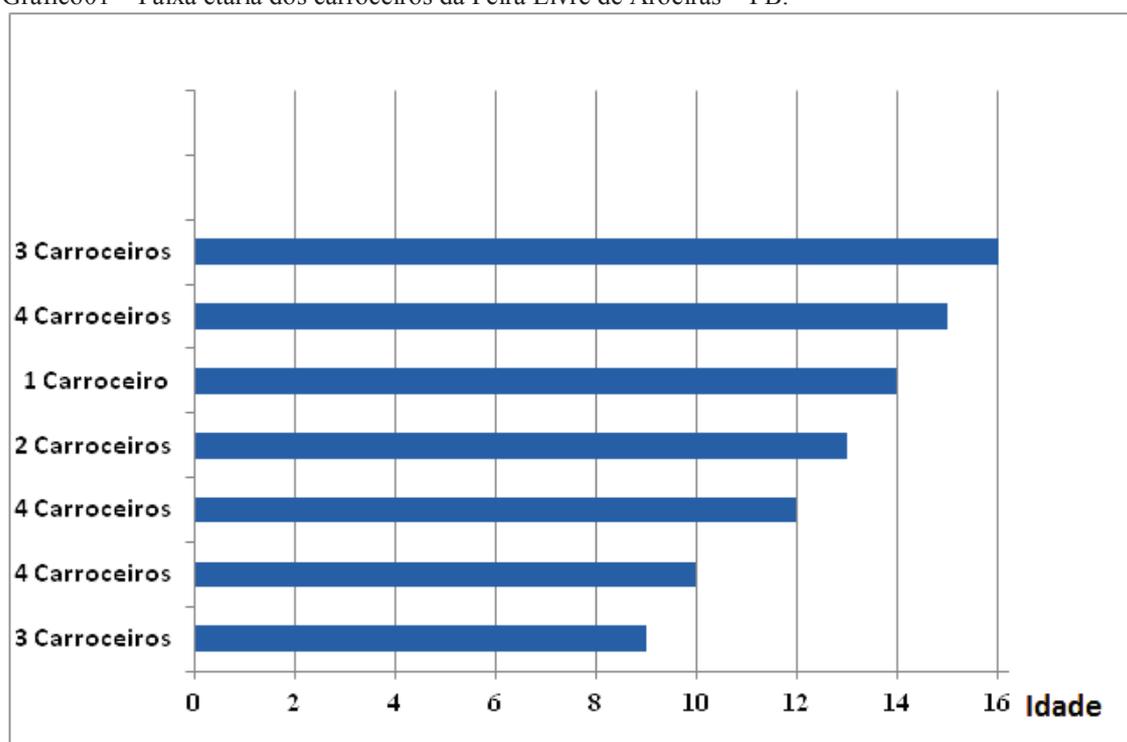


Desse modo percebe-se que há uma territorialização desse trabalho na feira, uma vez que, estes atores sociais situam-se exclusivamente no galpão Manoel Bezerra e neste se distribuem, numa aparente falta de organização entre a categoria quanto à espacialização de seus serviços, o que reflete uma estratégia de sobrevivência na função, visto à numerosa concorrência existente entre eles.

As informações aqui expostas foram adquiridas através de observação, pesquisa empírica e análise de entrevistas.

De um total de 26 carroceiros encontrados na feira de Aroeiras, realizando seus trabalhos 100% são do sexo masculino, 21 concederam entrevista, porém foi constatado que há uma variabilidade nesse número de trabalhadores devido à esporadicidade desta função sendo difícil uma contagem exata, por isso, há apenas uma aproximação do número total. Dos entrevistados, como mostrado no gráfico abaixo, todos são crianças ou adolescentes numa faixa etária entre 9 e 16 anos.

Gráfico01 – Faixa etária dos carroceiros da Feira Livre de Aroeiras – PB.



Fonte: Dados da pesquisa, outubro de 2012.

O trabalho infantil é proibido por lei e trata-se de violação do direito da criança e do adolescente a consequente desmedida desta. Esta temática é amplamente discutida e tem origens históricas e socioculturais.

Os carroceiros representam, desse modo, o trabalho infante/juvenil na feira ao prestarem seus serviços, sobre o trabalho infantil consta no estatuto da criança e do adolescente (ECA), disposto na lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990,

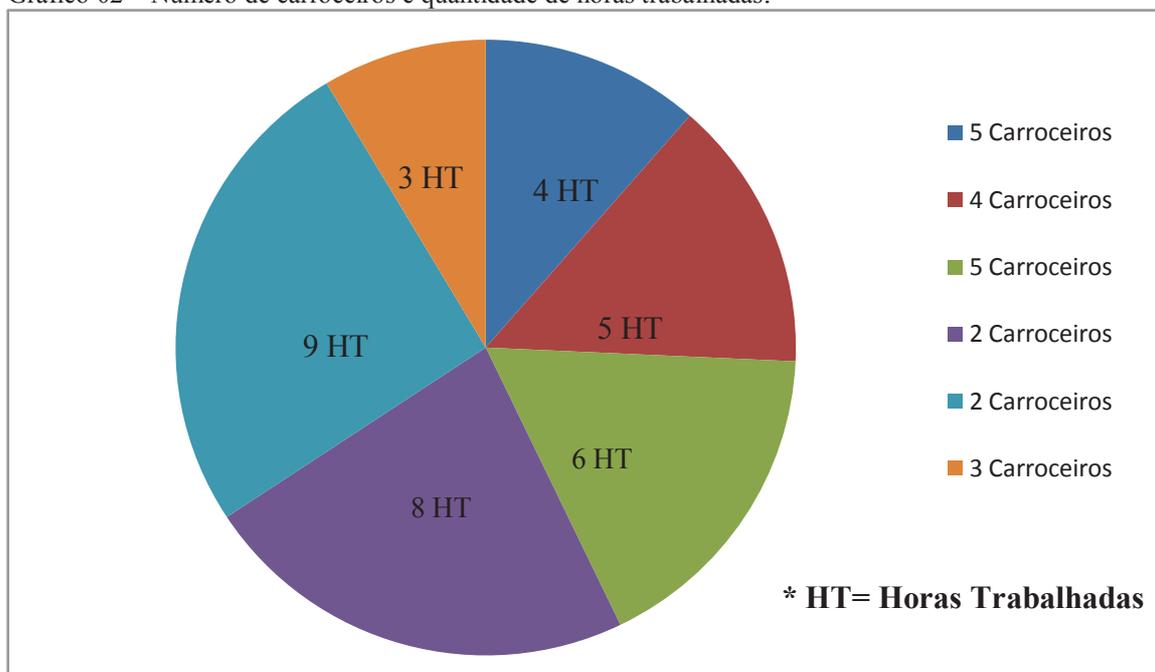
Art. 60. É proibido qualquer trabalho á menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. (Vide Constituição Federal)

Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.

Porém, uma das características da informalidade é admitir em escala geral todos os tipos de trabalhadores que se dispuserem a efetuar algum serviço independentemente da idade. Por isso, é comum o trabalho de crianças nesse setor, em geral, estas provem de famílias humildes que, em aspecto geral, possuem baixo nível de escolaridade, entre o nível Fundamental I e Fundamental II. Estão entre as profissões exercidas, por suas mães, destacadas pelos meninos carroceiros: donas de casa, babás, vendedoras, cozinheiras, faxineiras e quanto aos provedores da família (pais) foram citadas as seguintes ocupações: serventes de pedreiro, pedreiros, porteiros, feirantes, operador de máquinas pesadas, sapateiros.

De posse de suas carroças próprias ou emprestadas pelos pais esses meninos trabalham entre 4 e 9 horas por feira conforme consta no gráfico a seguir:

Gráfico 02 – Número de carroceiros e quantidade de horas trabalhadas.

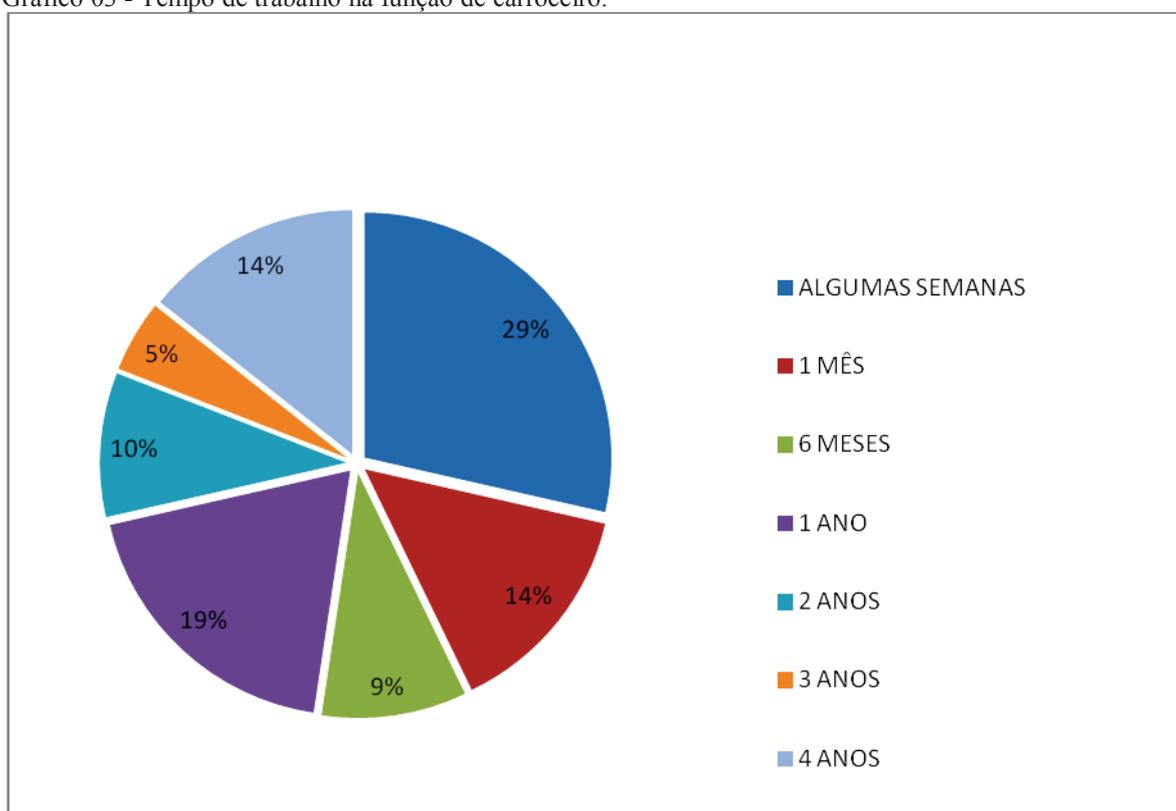


Fonte: Dados da pesquisa, outubro de 2012.

Essa carga horária é organizada por cada carroceiro, uma vez que eles mesmos fazem seus horários de trabalho conforme sua necessidade monetária e disponibilidade de trabalho. Há aqueles que chegam, antes mesmo do Sol raiar, para trabalhar na montagem dos bancos para a disponibilização dos produtos a serem comercializados pelos feirantes; como também há os que ficam até o fim da feira e ajudam no desmonte e transporte dos bancos, em ambas as situações se busca conseguir um dinheiro extra.

O exercício dessa atividade pode durar anos ou apenas semanas, conforme mostrado no gráfico 03:

Gráfico 03 - Tempo de trabalho na função de carroceiro.

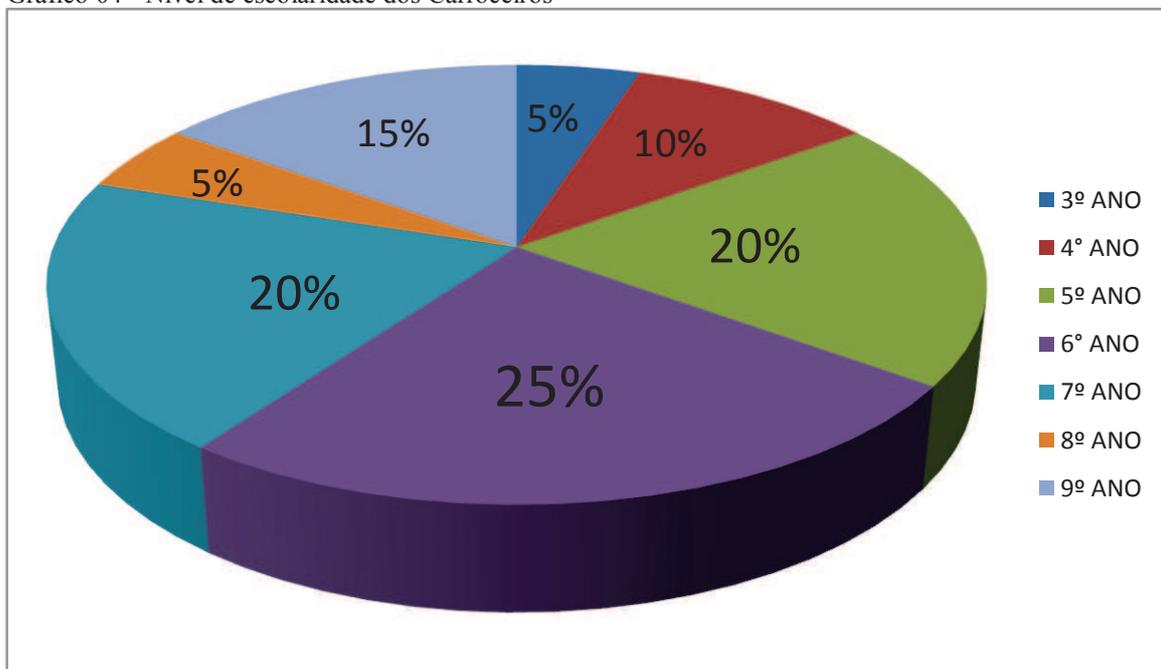


Fonte: Dados da pesquisa, outubro de 2012.

Isso ocorre devido às condições de variabilidade existente na feira e quanto ao interesse desses meninos em levar à frente esses trabalhos, o que muitas vezes não acontece devido às consequências como cansaço, dores musculares, ou o pouco ganho (recompensa monetária) que os desestimulam a continuar. Porém, se há meninos saindo dessa função, há sempre meninos começando a exercê-la, o que é percebido como apontamento no gráfico 03, onde a maioria (29%) dos entrevistados trabalha nesta função há apenas algumas semanas.

Um aspecto positivo relevante encontrado está na valorização à educação escolar, uma vez que, todos os entrevistados afirmaram estar frequentando devidamente à escola com vistas segundo os mesmos a um futuro melhor. O que indica que o trabalho em si não atrapalha a frequência escolar dos mesmos, conforme indica o gráfico 04.

Gráfico 04 - Nível de escolaridade dos Carroceiros



Fonte: Dados da pesquisa, outubro de 2012.

De posse do exercício de sua função os meninos carroceiros veem no trabalho informal uma forma de complementação de renda seja para ajudar nas despesas de casa (família) ou para a manutenção de seus próprios gastos de consumo. Desse modo, constatou-se que, em 95% dos casos, o dinheiro conseguido com seu trabalho é para consumo próprio, a exemplo da compra de roupas, lanches, vídeo game entre outros, e apenas 5% disseram ajudar em casa com o que receberiam.

Desse modo, pôde-se constatar que vivemos em uma sociedade que “respira” consumo e em que as crianças envoltas pelos padrões gerais também aspiram consumir, algumas trabalham para isso, conforme visto nas entrevistas, estas não trabalham para a sua sobrevivência em si, mas para a sobrevivência no mundo do capital e consumo. Dornelles (2005) argumenta que todos os discursos produzidos por instâncias como: a escola, a mídia, pela literatura, pelos adultos, pelo consumo em si, produzem, de certa forma, efeitos sobre a infância. Uma vez que,

As crianças pós-modernas são capturadas pelas regulações do poder elas aprendem desde cedo que consumir é possuir determinados objetos ou marcadores sociais, adotar certo estilo de vida é condição necessária para a “felicidade”, é ter poder. (DORNELLES, 2005, p.90)

Quanto aos carroceiros, pode-se dizer coerentemente que seu poder de compra é pequeno, porém o que quer ser mostrado aqui é a disseminação do consumo em todas as vias, inclusive nas classes menos abastadas. Há, no entanto, uma tendência à “adultificação” da criança que forma logo cedo princípios de responsabilidade com seus objetos de desejo e objetivos concretos de consumo e procuram, por meio de seu trabalho, sustentar os seus desejos de consumo. Sobre as significações fabricadas pelo consumo, temos que,

A circulação, a compra, a venda, a apropriação de bens e de objetos/signos diferenciados constituem hoje a nossa linguagem e o nosso código, por cujo intermédio toda sociedade se comunica e fala. (BAUDRILLARD, *apud* DORNELLES, 2005, p. 96)

Hoje, como nos fala Buaman (2005) somos consumidores numa sociedade do consumo. E esta sociedade do consumo é a sociedade do mercado. Todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadorias numa associação de uso/consumo das relações humanas e de nossas identidades.

Quanto aos carroceiros, para eles trabalhar é necessário para ajudar na manutenção de seus gastos, e não vêm issocomo problema, pois segundo os mesmos “é melhor trabalhar do que ficar sem ter o que fazer em casa”.

Muitos relutam em considerar esta situação, mas a realidade brasileira congrega aspectos que condicionam nossas crianças a formas de trabalho diversas. Uma observação é que não estamos falando aqui de exploração do trabalho infantil, e sim do trabalho infantil em si, uma vez que, a exploração remete a um explorador que lucre com a mão de obra das crianças e adolescentes, o que não ocorre neste caso.

O trabalho infantil no Brasil tem diversas causas e variados motivos podem levar ao recurso da mão de obra infanto-juvenil. Porém, segundo o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, existem três formas mais abrangente no processo de inserção de crianças e adolescentes no mundo do trabalho:

- a) A necessidade econômica de manutenção da família; (que no trabalho infantil se atribui também à criança, embora esse seja um dever dos responsáveis).

- b) A reprodução cultural dos mitos sobre trabalho infantil; (cultura que está de acordo e legitima a reprodução do trabalho infantil como forma de educar a criança para a vida adulta e retirá-la do ócio o que levaria à marginalidade, por exemplo).
- c) A falta de universalização das políticas públicas de atendimento aos direitos de crianças, adolescentes e suas famílias. (falta de conhecimento, cumprimento desses direitos e disseminação dessas políticas públicas).

A cultura do mito do “trabalho que dignifica o homem”, mesmo ainda criança traz á tona os argumentos daqueles que não julgam o trabalho infantil como uma problemática, mas um meio de educá-los à vida adulta de responsabilidades. De certa forma esse mito está em toda a sociedade e envolve as crianças que se julgam capazes de ajudar suas famílias economicamente com seu trabalho.

A institucionalização das políticas públicas governamentais de apoio monetário às famílias carentes ocorre, porém, não funcionam na prática, pois não conseguem sustentar as necessidades devidas das mesmas. Como o caso do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), que visa à introdução das crianças e adolescentes à prática de atividades esportivas e culturais e de apoio à atividades escolares. Desse modo dispõe de uma proposta válida à retirada das crianças e adolescentes do trabalho infantil, porém não há fiscalização no cumprimento de suas regras e as crianças não se sentem recompensadas com sua participação e voltam a procurar formas de trabalho para ganhar seu próprio dinheiro e gastá-lo conforme suas necessidades.

A cultura do trabalho na infância já está arraigada na sociedade, as pessoas não veem problema em uma criança se dispor a trabalhar, e mesmo as próprias crianças são envoltas por este pensamento.

O fato é que todos, inclusive os infantes, temos nossa psique (consciência) impregnada por informações e argumentos que nos levam a necessitar do capital (dinheiro) e com isso, buscar formas para consegui-lo e conquistar então os bens necessários ao nosso sustento e convivência em sociedade. Desse modo,

O consumo surge como modo ativo de relação (não só com os objetos, mas ainda com a coletividade e o mundo), como modo da atividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo o nosso sistema cultural. (BAUDRILLARD, apud, DORNELLES, 2005, p. 97).

O trabalho dos carroceiros evidencia alguns desses fatores, uma vez que se nota a necessidade econômica familiar, incapaz de prover as vestimentas novas (o tênis novo, a calça da moda, o estilo que a molecada está usando), os lanches diferenciados na escola (o salgadinho, o sorvete, o lanche com os amigos), o lazer (o vídeo game, o acesso à internet via lanhouse) e sim apenas com o sustento básico. Todos os bens são custos presentes no dia a dia dos mesmos, que, por isso, a criança julga ser necessário ele mesmo consegui-lo através de seu trabalho. Entenda-se que o consumo a que esses atores sociais se referem não é um consumo de supérfluos, mas de necessidade para aceitação e vivência plena em sociedade, de aceitação a um núcleo coletivo a que pertencem.

É fato que o trabalho infantil ocorre a olhos vistos por todos e a sociedade permanece alheia a ele, embora haja uma lei vigente que combata essa situação. O trabalho dos carroceiros na feira de Aroeiras é apenas um exemplo disso, esses meninos oferecem seus serviços, como os feirantes oferecem também os seus, e adquirem consumidores (fregueses) que muitas vezes formam uma relação de fidelidade carroceiro/cliente. Essa freguesia dispõe de consciência que está ali empregando um infante, ela sabe que aquela mão de obra é infantil, mas ela quer apenas o serviço prestado. O carroceiro, por sua vez, não acha que está exercendo algo além de suas potencialidades, visa apenas à compensação que será cobrada e que ele necessita. Desse modo, há uma lei regulamentada que proíbe o trabalho das crianças e adolescentes, porém esta não corresponde à visão/aceitação da sociedade assim como não correspondente também aos padrões impostos pelo consumo o que viabiliza a criação de alternativas à inserção no mercado de trabalho destes atores infante/juvenis que encontram na informalidade a aceitação de seus serviços.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira de Aroeiras que constituiu importante fator para o desenvolvimento territorial do município como historicamente relatado, constitui-se, desse modo como relevante objeto de estudo, pois agrega, em si aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais pungentes uma vez que, se configura como uma alternativa ampla de mão de obra a diversos atores sociais no âmbito de sua interação no comércio formal mais explicitamente na informalidade que apresenta. Os carroceiros expressam apenas uma categoria destes atores, o trabalho infantil não é propriedade apenas das

feiras, mas está expressamente presente nestas, procurou-se investigar nesta pesquisa as características que levam ao trabalho infantil exercido pelos carroceiros (crianças e adolescentes) na feira de Aroeiras, e encontrou-se uma categoria de trabalhadores que se comprometem a trabalhar para manter-se um padrão do consumo que vigora em seu núcleo de vivência alheio ao padrão que a sociedade do consumo lhes impõe.

Não atribui-se neste o termo trabalho infantil como crime, uma vez que não há exploração e sim consenso entre os familiares, os feirantes (fregueses) e as crianças e adolescentes que oferecem este serviço. Porém, é evidente que há desgastes físicos e baixa remuneração em consonância com a atividade exercida, por isso há desistências do trabalho, porém a necessidade obriga muitos desses atores sociais a continuarem ao exercício desta atividade.

As políticas públicas vigentes não foram capazes de instituir na sociedade a visão proposta de que trabalhar é só para adultos maiores de 18 anos, pois estas não são capazes de sustentar as necessidades que dispõe essa imensa parcela da população, uma vez que a distribuição de renda disponibilizada pela atuação das políticas de assistência sociais (Bolsa Renda, Bolsa Escola, Bolsa Família, entre outros benefícios) não atendem totalmente aos termos de necessidade monetária e ocupação empregatícia das famílias carentes, que por este e outros motivos não resolve a problemática apenas condicionalmente.

Ressalta-se que há muito a ser explorado dentro desta temática ficando a esta pesquisa apenas o caráter de contribuição para outros estudos a serem possivelmente efetuados.

ABSTRACT

The fair is a phenomenon which transforms the space bringing this dynamism and multiple meanings, which is woven into a complexity of economic relations, socio-culture. This work is placed on the agenda of the importance of Fair Aroeiras-PB in the historical trajectory of consolidation and spatial configuration of the city and bringing to today's characterization force. The informal character trait is substantially present in the free markets, thereby creating employment opportunities to the poorer classes of the population that we call the lower circuit of the economy, this sector represents a strategy for employment and income to many social actors who take on the job Monday's sustenance. In particular, this research as a specific social actor: the carters of Fair Aroeiras, taking into consideration the findings of interviews, and observation and empirical literature readings, gave a brief study of this category of workers composed exclusively of boys between nine and 16 years of age, mostly, this function as a form of supplementary income for the maintenance of their own consumer spending, this feature properly examined in this research.

Keywords: Fair. Lower Circuit. Carters. Consumption.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Paulo Pedro de – **Aroeiras e sua história**. A União Cia. Editora 1984.
- AROEIRAS, Dudé das. Pedras de Riachos. – João Pessoa: Ideia 2003.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925 – **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- CARLOS, Ana Fani Alessandri.: Lemos, Anália Inês Geraiges. **Dilemas Urbanos**: novas abordagens sobre a cidade– São Paulo, Contexto, 2003.
- CORREA, Roberto Lobato -**Trajetórias geográficas** – 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam**: da criança na rua à criança cyber–Petrópolis, RJ: Vozes 2005.

CPRM. Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Aroeiras, estado da Paraíba/** Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME.

Orientações Técnicas - Gestão do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil no SUAS.

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva. **A Feira na cidade:** Limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB). – Recife: O Autor, 2009. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.

MORAIS, Ione R. Diniz; Araújo, Marcos A. Alves. **Territorialidades e sociabilidades na feira de caicó (RN).** In.: Caminhos da Geografia – Revista on-line – <http://www.ig.ufu.br/revista/html> – acesso 18- 10- 2010.

SANTOS, Milton, 1926-2001. **O Espaço Dividido:** Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. – 2. Ed., 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência Universal – 15ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, Taísa F. A. Silva. **Geoanálises das dinâmicas socioespaciais da feira de Aroeiras, PB:** Sua inserção nos circuitos da economia. 2009.____. Monografia (Graduação em geografia) Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.